

Necrópole do Castro do Monte de Nossa Senhora dos Anúncios

(Vilarelhos — Alfândega da Fé)

POR

J. R. dos Santos Júnior (*)

Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia
e Bolseiro do I. N. I. C.

Ao Rev. P.^o Acácio Alfredo Anselmo, Pároco de Vilarelhos, o primeiro a fazer escavações na necrópole do Monte de N.^a Senhora dos Anúncios e a reconhecer o seu interesse arqueológico.

O. D. C.

O monte em cujo cimo está a nova capela de N.^a Sr.^a dos Anúncios (Fig. 2), fica em termo da aldeia e freguesia de Vilarelhos, concelho de Alfândega da Fé. O monte fica sobranceiro à recente barragem para armazenamento da água das chuvas, chamada Barragem do Loureiro, e a cerca de 4 km da aldeia.

O monte onde ainda se vêem escassos restos de muralha e terra-pletos, foi, sem dúvida, um castro.

Na sacristia da capela está uma lápide funerária num bloco de mármore, consagrada a dois mortos, que sofreu ampla mutilação. Ali há também uma cabeça de granito, que interpretei como decepada a uma estátua de guerreiro lusitano, e, como tal, pode considerar-se cabeça troféu.

(*) Quinta da Caverneira — Águas Santas — 4470 Maia.

Estes dois restos arqueológicos dão corpo ao que resta da muralha e aos terraplenos, reforçando o carácter castrejo daquele monte, isto se os dois restos arqueológicos foram achados naquele monte, hipótese a pôr com foros de viabilidade, pelo menos quanto à lápide funerária.

Em Junho de 1977 a Direcção-Geral do Património Cultural comunicou-me o aparecimento de um vasto campo de sepulturas, em Vilarelhos, e perguntava se eu estaria na disposição de lá fazer escavações.

Anuí ao convite e sugeri um exame prospectivo ao achado daquele cemitério.

Lá fui em 2 de Outubro de 1977.

Tendo como base o relatório que enviei à referida Direcção-Geral, escrevi um pequeno trabalho que intitulei *A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça do guerreiro lusitano*, publicado no fascículo II e III, do Vol XXIII de «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Sociedade Portuguesa de Antropologia, Porto, 1978, págs. 345 a 351 e 5 Figs., no qual reproduzo a lápide funerária no bloco de mármore e a cabeça de guerreiro lusitano acima referidas.

Em fins de Outubro de 1978 regressei de uma campanha de prospecções arqueológicas na região de Chaves, em cujo Museu Municipal pude estudar uma bela e arqueológica fíbula de prata.

Vim encontrar um ofício da Direcção-Geral do Património Cultural no qual se me comunicava ter-me sido atribuída a verba de dezassete mil escudos para trabalhos na necrópole do Cabeço de Nossa Senhora dos Anúncios.

Em 30 de Outubro segui para Vilarelhos.

O Sr. P.^o Acácio Alberto Anselmo ⁽¹⁾, Reverendo pároco de Vilarelhos, foi um colaborador prestimoso com informações

⁽¹⁾ O sr. P.^o Acácio Alberto Anselmo, foi o iniciador do estudo da velha necrópole do Cabeço de Nossa Senhora dos Anúncios. Ao ter conhecimento do aparecimento de algumas sepulturas e de muitos ossos humanos, quando em Novembro de 1976 ali abriram covas para a plantação de

seguras, e nomeadamente no contratar pessoal jornalheiro. Necessitava de 6 a 8 jornaleiros. No entanto em 30 de Outubro começaríamos com os que se pudesse arranjar.

Nesse dia, 30 de Outubro, começamos o trabalho apenas com dois jornaleiros. No dia seguinte tivemos cinco obreiros e nos três últimos dias da semana apenas quatro.

Foi-nos indicado o local, ainda em cova mal aterrada, onde em 1976 o Sr. Padre Acácio Alberto Anselmo, encontrou e escavou uma sepultura com esqueleto íntegro, que um intrometido grupo de rapazolas despedaçou. Por baixo dela estava outra sepultura similar. Tinham tampas de grandes lajes, uma delas com um pequeno buraco de bordos bem polidos.

Resolvemos iniciar as pesquisas naquela zona.

Como informaram que as sepulturas eram tapadas com pedras e estavam a pequena profundidade, resolveu-se ir espetando, aqui e ali, os ferros de saibrar, até encontrar pedra que poderia ser tampa de sepultura.

Cerca de 3 m para sul da cova mal aterrada, onde o Sr. P.^o Acácio Anselmo encontrara as duas sepulturas sobrepostas, o ferro topou numa pedra. Escavou-se. Deu-se com uma

amendoeiras, foi ao local. Verificou que se tratava de um velho cemitério, de que ninguém daquela região se lembrava de ali ter havido enterramentos. Teve ensejo de, num corte ter visto duas sepulturas sobrepostas e de desaterrar uma sepultura tapada com uma grande laje de xisto, assente sobre pequenas lajes colocadas ao alto e aos lados do esqueleto, que tinha os pés voltados para o nascente. Num número especial do folheto dedicado às «festas da Vila de Alfândega da Fé», Festas do Mártir S. Sebastião, Agosto de 1978, publicou o trabalho *A necrópole romana de Vilarelhos*, 4 págs. e 4 figs., no qual descreve as condições da descoberta da necrópole, a escavação ou desaterro de uma sepultura que tinha outra subjacente. Faz criteriosas considerações sobre aquele extenso e remoto cemitério. Refere a visita do seu conterrâneo P.^o Dr. Belarmino Afonso, Professor de História do Liceu Nacional de Bragança, que, no jornal semanário «Mensageiro de Bragança», em 7 e 14 de Janeiro de 1977, publicou dois artigos sobre *Sepulturas e restos de civilização romana em Vilarelhos*, na secção «Breve arqueológico de Trás-os-Montes» do referido semanário.

pedra de xisto, pequena, rectangular com 80×40 , que tapava uma pequena cova subtriangular de paredes de terra com uns 45 cm de maior largura e 43 de fundura até ao soco rochoso. Tinha no fundo uns 15 a 20 cm de terra solta e algumas pedras miúdas. Esta terra foi crivada e não deu nada.

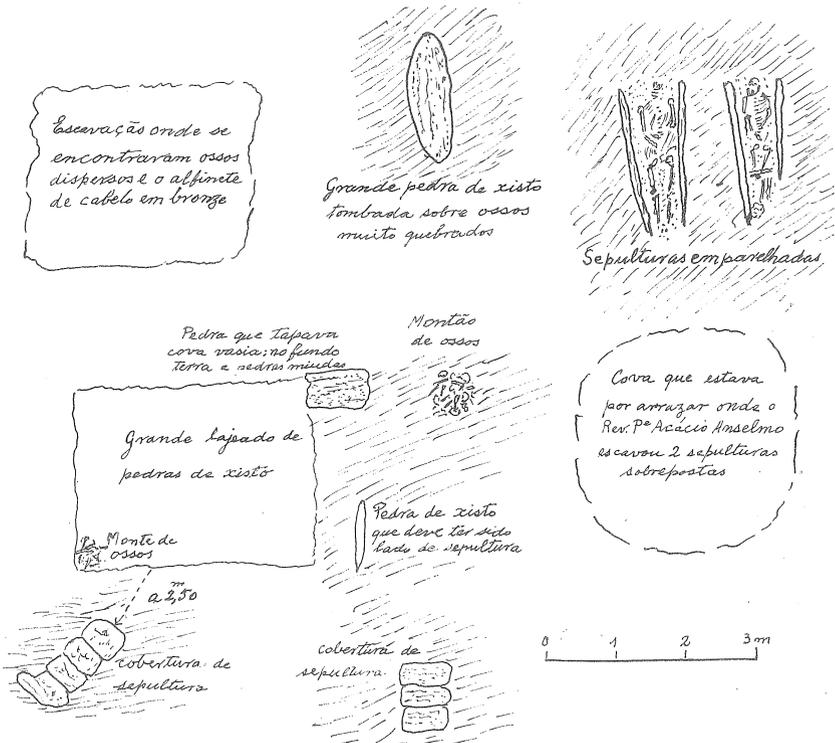


Fig. 1 — Esquema da área da encosta nordeste do Monte da Senhora dos Anúncios, Vitarelhos, escavada em 30-X a 4-XI de 1978.

Com furos a ferro de saibrar toparam-se pedras a sul e para leste da falsa sepultura. Deu-se com um lajeado de pedras de xisto, rectangular ou subquadrado de $3,40 \times 2,40$ m (Fig 1), a uma profundidade de 45 a 60 cm. Na terra por cima deste lajeado, e a diferentes alturas apareceram pedaços, relativamente pequenos de ossos humanos.

Por cima e entre as pedras daquele lajeado em assentamento irregular, de pedras mal ajustadas, aos altos e baixos, algumas muito desniveladas, apareceram pequenos fragmentos de ossos humanos muito impregnados de terra. As porções ósseas tão quebradas e pequenas que não permitiam estudo de finalidade antropológica.

Um dos obreiros quiz atribuir aquele lajeado ao sítio onde se diz, e é voz corrente, ali ter existido uma pequena e velha capela, com alpendre ou coberto. Expressiu-se assim: «O meu pai, que Deus haja, que morreu com 82 anos, há já alguns anos, ainda viu a capela velha».

Parte da pedra da capela velha foi empregada na construção da capela nova do alto do monte, acabada de construir nos princípios deste século.

No segundo dia começou-se a escavar à roda da cova onde o Sr. P.^o Acácio Anselmo tinha encontrado as duas sepulturas sobrepostas.

Um dos obreiros ao espetar o ferro para aluir a terra, a uns 35 a 40 cm de profundidade quebrou uma porção de caveira que estava solta na terra. Escavou-se com cuidado e foi-se encontrar um montão de ossos muito quebrados, em que se viam 5 porções de caveiras (calotes cranianas estaladas) e alguns pedaços de ossos longos (Figs. 4 e 5).

Não cheguei a desfazer aquele montão de ossos. Por estarem tão quebrados, não ofereciam o mínimo de condições para o seu estudo antropológico. Na terra que cobria aquele montão de ossos encontrou-se uma porção de mandíbula com dois dentes molares implantados (Fig. 11). No entanto, propriamente no montão, aglomerado compacto de muitos ossos, arredondado com cerca de 50 × 60 cm, não vimos mais nenhuma porção de mandíbula, o que é estranho, porque este osso pela sua rizeza é o osso do esqueleto do homem que mais resiste à degradação.

No montão viam-se alguns pedaços de ossos longos das pernas e dos braços, pequenas porções de costelas e bocados diminutos de lascas saltadas de vários ossos. Não vimos qualquer resto de vértebras. É certo que não desfiz o montão.

É difícil de explicar aquele montinho de ossos, que parece terem sido cautelosamente ali arrumados. Entre dois pedaços de tíbia e de fêmur havia duas porções de calotes cranianas muito estaladas. Uma porção de diáfise de fêmur com cerca de 25 cm estava espetada no montão, quase a prumo e caiu ao prosseguir no isolamento do montão dos ossos.

Crivou-se a terra que os cobria. Nada de interesse arqueológico.

Apenas pequenos fragmentos de vários ossos, um metacarpiano, dois dentes molares e a porção de mandíbula já referida.

Outro grupo de ossos, também muito quebrados, mas não em montão tão típico como o anterior, apareceu no canto sudeste do lajeado, a 77 cm de profundidade. Embora distribuídos irregularmente, colheu-se a impressão de que talvez haja sido sepultura em terra, sem pedras, quer laterais quer de cobertura ou tampa.

Três metros acima do referido montão de ossos, viu-se uma grande pedra, que, pelo seu tamanho parece ter sido tampa de sepultura. Estava tombada de lado. Ao longo do seu bordo inferior a uns 75 a 80 cm de profundidade, havia ossos esmagados e alguns muito quebrados. Entre eles 3 calotes cranianas estaladas. A pedra estava meio tombada, num ângulo de cerca de 45° de abertura para sul. Dos dois lados da pedra havia restos de ossos humanos. Ossos inteiros só alguns da mão e do pé.

Por cima da grande pedra tombada, e à profundidade da ordem dos 40 cm apareceram 4 pedaços de telhas (telhas de rebordo) de pequenas dimensões, entre 8 e 16 cm de comprimento. Informaram que noutros sítios daquele monte têm aparecido mais régula e em pedaços maiores.

Duas sepulturas emparelhadas

A prosseguir uma pequena vala de exploração para norte da pedra tombada, a 2,90 m topou-se com as cristas de duas pedras de xisto muito à superfície, apenas de 19 a 22 cm de fundura, e separadas uma da outra cerca de 50 cm.

A seguir toparam-se outras duas pedras, também de xisto, postas de cutelo, que definiam outra sepultura.

Estendeu-se a escavação para lá das duas sepulturas, para o lado norte; foi-se a um pouco mais de 3 m, mas nada se encontrou.

Isolaram-se as duas sepulturas.

A maior, do lado sul tinha as duas pedras calçadas do lado de fora com pedras relativamente pequenas. As suas pedras, lados da tumba, mediam 1,75 m de comprimento. A sepultura é trapezoidal, com 65 cm de boca na cabeceira e 53 cm aos pés.

A sepultura ao lado norte, a que chamarei a n.º 2, também só com duas pedras de xisto é também trapezoidal. As pedras tinham os seguintes comprimentos, uma 1,75 m, a outra 1,68 m.

Não tinham tampa. A cobertura que parcialmente as enchia era feita do lado da cabeceira por um conjunto de pedras toscas, postas lado a lado e algumas cunhadas com pedaços de telha de caleira. No restante o enchimento era de terra e pedras miúdas (Figs. 6 e 7).

Retiradas as pedras das cabeceiras, quer de uma quer da outra sepultura, foi-se colhendo a terra por camadas de cerca de 15 cm e passada a crivo.

Começou-se pela sepultura n.º 1, a maior.

Na 1.^a camada, ao lado das pedras postas lado a lado na cabeceira, encontrou-se um botão de cinco buracos, muito perfeito, com 15 mm de diâmetro, que parecia de osso e talvez fosse relativamente recente.

Na terra desta sepultura ainda apareceu um prego muito enferrujado.

A terra que enchia esta sepultura, como a n.º 2, tinha pedras miúdas e escassos pedaços de telha, que eram mais abundantes aos pés tanto de um como do outro esqueleto.

A fotografia que tirei ao 2.º esqueleto não resultou por deficientes condições de luz.

Com todo o cuidado, vassourando a terra conseguiu-se realçar os esqueletos fortemente impregnados na terra do fundo. Ossos todos muito quebrados e estalados. Não valia a pena

levantar aqueles ossos. Por muito estalados mais se quebrariam, sem permitir conveniente estudo antropométrico.

A crivagem da terra com pedras miúdas da sepultura n.º 2 deu alguns pequenos fragmentos de ossos soltos entre eles uma cabeça de rádio.

A cerca de 52 cm de profundidade apareceram os primeiros ossos dos esqueletos fortemente impregnados na terra do fundo, o que poderá conferir-lhes um certo grau de remotividade.

Como os ossos dos dois esqueletos estavam muito quebrados e estalados desisti de os levantar.

Com terra crivada cobri os esqueletos numa camada de cerca de 20 cm; depois com mais terra por crivar.

Em qualquer altura, em escavação cuidada, podem pôr-se a descoberto aqueles dois esqueletos.

Ainda se fizeram pesquisas a ferro de saibrar ou em pequenos buracos a tentar encontrar mais alguma sepultura.

Foi trabalho em vão.

Com mais pessoal e com mais tempo ter-se-ia aberto uma vala exploradora ao correr da encosta, depois far-se-iam os divertículos a que dessem ensejo as coisas que se fossem descobrindo.

Nas condições de que dispusemos limitamos o trabalho.

A escavação circunscreveu-se a uma área de 110 a 120 m² como se indica no esquema da Fig. 1.

Espólio

Só ossos humanos, muito quebrados e quase sempre em pequenos pedaços, apareceram em relativa quantidade, espalhados e soltos na terra a diferentes profundidades, o que é sinal de amplos remeximentos.

No montão de ossos, arredondado, com cerca de 50 cm de diâmetro, vimos pequenos pedaços de calotes cranianas de mistura com pedaços maiores ou menores de ossos longos.

No recanto sudeste do lajeado apareceu um grupo de ossos, também muito quebrados, que nos deixou a impressão

de se tratar de uma sepultura em terra, isto é, sem pedras aos lados.

O esqueleto da sepultura n.º 1 não apresentava o menor resto da cabeça, melhor, da caixa craniana, conservava a mandíbula (Figs. 8 e 9). Terminava por algumas vértebras cervicais, com o axis no topo.

Os braços deste esqueleto apresentavam os antebraços em flexão, com as mãos no baixo ventre, região suprapúbica.

O esqueleto da sepultura n.º 2 só tem íntegro o braço direito, com o antebraço em extensão. Do braço esquerdo nada mais resta do que dois pedaços de cúbito e rádio, postos sobre a região púbica ao lado da cabeça do fémur direito.

Uma grande porção da diáfise da tíbia está atravessada e sobreposta ao joelho esquerdo. Do joelho direito nada se vê.

Ao lado da tíbia e perónio, em posição justa, viu-se uma porção de calote craniana partida em seis pequenos pedaços.

Colhi e conservo cerca de uma centena de ossos inteiros (das mãos e dos pés) algumas porções de diáfises e epífises de ossos longos, umas porções de mandíbulas, algumas com dentes implantados e algumas porções de calotes cranianas, a maior das quais é um frontal quase inteiro com a correspondente parte das órbitas.

Na sacristia da capela de Nossa Senhora dos Anúncios está um saco com grande número de ossos arrancados pela máquina escavadora a quando da plantação das amendoeiras em 1976. Num exame sumário verifiquei que aqueles ossos estavam todos mais ou menos quebrados.

Cerâmica

Além de quatro ou cinco pequenos pedaços de tégulas que apareceram aqui e ali a diferentes profundidades, e dos muitos, e também pequenos pedaços de telha de calceira, estes sobretudo abundantes aos pés das sepulturas emparelhadas, encontraram-se apenas 4 fragmentos de vasos de cerâmica, aparecidos a várias profundidades e em sítios diferentes, portanto de localização acidental condicionada por remeximentos da terra.

O pedaço maior é um fundo dum prato (?) ou duma vasilha (?) de ampla base.. Tem 7 cm de comprimento no bordo do fundo e 10 cm na aba do que resta do bordo do prato, ou do bojo ou pança da vasilha (Fig. 10-d).

É de cerâmica cinzenta, grosseira, com muitos grãos de quartzo e pequeninas palhetas de mica branca (moscovite).

A base tem a espessura de 1 cm, e a aba que dele cresce, bordo de prato ou pança de vaso, um pouquinho menos, 8 a 9 mm.

As espessuras do fundo e da aba dele crescente, bem como o diâmetro calculado do fundo, 17,5 cm, fazem crer que teria pertencido a uma vasilha para líquidos ou a um grande prato.

Outro pedaço é negro, porção do bordo de um vaso. Para a pouco acentuada curvatura da boca e a espessura da sua parede, 7 mm, deve ser porção de vaso relativamente grande. A aresta do bordo mede 7 cm (Fig. 10-a).

O barro com que foi feito, foi muito bem peneirado, pois são muito poucos, e muito pequenos, os grãos de quartzo que nele se vêem à lupa. Em contrapartida a superfície é amplamente marchetada de minúsculas palhetas de moscovite. É bem cosido. Tem estrutura compacta e dura, que lembra o grés cerâmico utilizado nas manilhas de canalizações. Apresenta superfície finamente riscada, como que tivesse sido corrido sobre a massa tenra um pente de dentes muito finos. Os bordos das fracturas são duros e cortantes.

Um terceiro fragmento de cerâmica é um pequeno pedaço do bordo de um vaso escuro, quase negro pela face interna, com aba de 16 mm e bem revirada. A sua curvatura leva a atribuir-lhe uma boca de 11,5 cm de diâmetro.

O seu maior comprimento ao longo do bordo da aba é de 5,5 cm. A espessura da parede da pança é de 5 mm. A pasta tem alguns grãos de quartzo miúdos, e, sobretudo, palhetas de mica branca (Fig. 10^b-c).

O quarto fragmento cerâmico, é muito pequeno. É também uma porção de bordo, apenas com 3×2 cm, sendo os 3 cm

ao longo do bordo. A cor é acastanhada. A pasta tem bastantes grãos de quartzo e muitas palhetas de mica branca.

Estes pedaços de cerâmica são acentuadamente micáceos.

O 1.º, o 3.º e o 4.º, são nitidamente castrejos.

O 2.º fragmento, também de um bordo, dada a compactidade da sua massa e o seu forte grau de cosedura (os bordos das fracturas, como já realcei, são duros e cortantes) afasta-se do tipo corrente da cerâmica castreja.

Encontraram-se ainda a uns 45 cm de profundidade, numa cova aberta em busca de sepultura, que nada mais deu do que 3 pedaços de uma malga vidrada sem dúvida recente.

Metal

Ao abrir uma cova, uns 4 m acima do lajeado, em busca de uma pretensa sepultura, e onde afinal nada mais se encontrou do que alguns pequenos pedaços de ossos soltos, apareceu a 58 cm de profundidade um alfinete de cabelo, de bronze (*acus crinalia*) (Fig. 10).

Suspendeu-se a escavação a ferro e pá que vinha sendo feita e prosseguiu-se com cuidado. Foi crivada a terra à roda do sítio do achado. Nada se achou a não ser 3 pedaços de escória, um espalmado e dois mais pequenos.

Aquele alfinete de cabelo é pois uma peça solta, semelhante a outras da mesma natureza que têm sido encontradas em alguns dos nossos castros.

Tem de comprimento 116 mm. A haste cilíndrica tem o comprimento de 94 mm com 2 mm de diâmetro na parte mais alta, vai adelgaçando suavemente para terminar em ponta finamente aguçada.

Segue-se aquilo a que podemos chamar cabeça, e é formada por um segmento de secção quadrada com 15 mm de comprimento, que se continua com a cabeça propriamente dita, em forma de balão, formada, digamos, por dois cones ajustados pelas bases, e com o comprimento de 7 mm.

A cabeça está separada do segmento quadrangular por um sulco em colo bem acentuado.

O segmento quadrangular é um prisma de faces iguais, com 3 mm de largura, com sulcos nos dois topos e arestas enfeitadas por discretas saliências em bolinha, que, numa das arestas, melhor conservada, se contam 9 ou 10.

CONCLUSÕES

No monte da capela de Nossa Senhora dos Anúncios, assentou um velho castro lusitano-romano.

Atestam-no um resto de muralha do lado poente, uns terraplenos correspondentes ao alinhamento de panos de muralha, e os achados das escavações de fins de Outubro e primeiros dias de Novembro de 1978, a saber os três fragmentos de cerâmica micênea, nitidamente castrejos, o alfinete de cabelo (*acus crinalia*) de bronze, e os pedaços de tégulas.

A vertente leste do monte, onde em 1976 se fez a plantação de amendoeiras, que levou à descoberta da necrópole, deve ter muitas sepulturas.

Quanto a estas, em face do que até à data se conhece, podemos dizer que ali se encontraram 3 tipos de sepulturas, que devem, muito provavelmente, corresponder a outros tantos períodos culturais e cronológicos.

a) *Tipo 1*

Sepultura com grande tampa de pedra assente em várias e pequenas pedras alinhadas aos lados, aos pés e à cabeceira do esqueleto.

O Sr. P.º Acácio Anselmo, Rev.º Pároco de Vilarelhos viu duas destas sepulturas: escavou-as em Outubro de 1976.

A pedra de uma das duas sepulturas é subrectangular, com 1,40 m de comprimento por 55 cm de largura, estava tombada na encosta perto da cova onde foi arrancada e fui vê-la. Tem quase a meio e à borda, um buraco em rampa, de bordos muito polidos, que termina num pequeno orifício arredondado, com 1,5 cm × 1,0 cm.

Por baixo da tampa existia câmara de ar. Terra pulverulenta muito fina, como farinha, cobria o esqueleto numa camada de 25 a 30 cm.

O esqueleto estava inteiro, com o antebraço direito dobrado sobre o tronco pousando a mão sobre a região epigástrica, e a caveira íntegra.

Por baixo desta sepultura encontrou outra similar.

Temos pois o tipo de sepulturas, com tampa de grande laje de pedra, assente em pequenas pedras alinhadas aos lados, à cabeceira e aos pés do esqueleto.

Esqueleto em rasoável estado de conservação.

b) *Tipo 2*

Duas sepulturas emparelhadas descobertas na última campanha de escavações.

Formadas por duas grandes lajes de xisto, postas de cutelo, aos lados do esqueleto e calçadas por fora com pedras pequenas.

Sem tampa. A terra que as enchia, misturada com pedras pequenas, estava tapada do lado da cabeceira com algumas pedras postas lado a lado e em parte cunhadas com pedaços de telha.

A crivagem da terra que enchia estas duas sepulturas, além do botão de 5 buracos, colhido na camada superficial da sepultura n.º 1, tanto esta como a n.º 2, nada mais deram do que pequenos e muito quebrados pedaços de ossos humanos.

c) *Tipo 3*

Sepulturas tapadas com várias pedras postas em alinhamento.

Encontramos duas destas sepulturas (Figs. 12 e 13). Levantamos umas pedras e viu-se que assentavam directamente em terra, sem quaisquer pedras a limitar o sepulcro.

Não houve ensejo de esvaziar e crivar a terra destas duas sepulturas, que é de crer sejam de tipo recente.

Trata-se pois de uma necrópole que se estenderia junto de uma velha capela com alpendre ou coberto, que foi demolida nos fins do século passado ou nos começos deste século.

Por se encontrarem, um pouco por todos os lados, e a diferentes profundidades, ossos humanos soltos e muito quebrados, somos levados a concluir que houve remeximento de

terra, certamente por enterramentos sucessivos, difíceis de seriar cronologicamente.

Julgo que o mais que se pode dizer é que as duas sepulturas emparelhadas, com os esqueletos fortemente impregnados na terra do fundo da tumba, devem ser as mais antigas dos 3 tipos referidos.

Dessas duas sepulturas colhi à pinça, alguns padacitos de ossos que meti em saquitos novos de celofane, e que poderão prestar-se à determinação do Carbono 14 se superiormente for julgado conveniente tal determinação, que julgo seria útil.

Não quero deixar de realçar os auxílios prestados pelo Sr. P.^o Acácio Anselmo, Pároco de Vilarelhos, e bem assim do Presidente da Junta de Freguesia Sr. António Joaquim Padrão que acompanhou os trabalhos com todo o interesse e forneceu as ferramentas com que trabalharam os jornaleiros.

Agradecimento é também devido à Câmara Municipal de Alfândega da Fé, que concedeu um subsídio de 15 000\$00 esc. para ajuda da publicação deste trabalho, sobre a necrópole de N.^a Senhora dos Anúncios, no Fasc. 4 do Vol. 23 dos «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», revista da Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências — Universidade do Porto
Maio de 1979

As fotografias das Figs. 10 e 11 foram tiradas pelo hábil fotógrafo Teófilo Rego (Foto Comercial) — Rua de Santa Catarina, n.^o 1583 — 4000 Porto. As outras foram tiradas pelo autor.

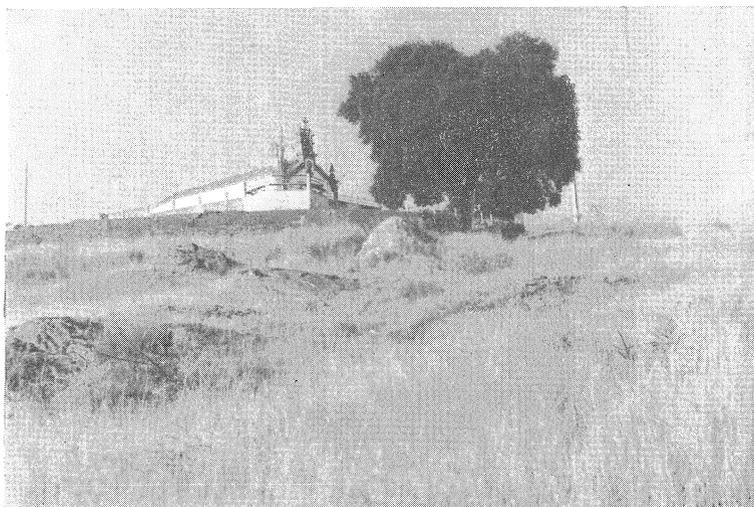


Fig. 2 — Encosta a leste da capela de N.^a Senhora dos Anúncios, que fica a cerca de 4 km da aldeia de Vilarelhos, sede da freguesia. Os trabalhos de plantação de árvores na encosta descobriram e destroçaram sepulturas com ossos humanos.



Fig. 3 — Início dos trabalhos.



Fig. 4 — Montão de ossos muito quebrados, onde se vêem pelo menos cinco caveiras.

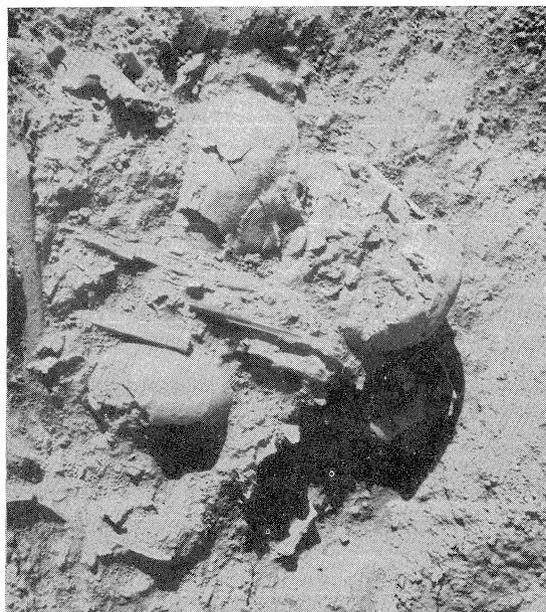


Fig. 5 — Pormenor na fig. anterior.



Fig. 6 — Sepulturas emparelhadas, encontradas sem tampa, formadas por lajes de xisto postas aos lados, cunhadas por fora com pedras pequenas, e com várias pedras sobre a metade do lado da cabeceira.

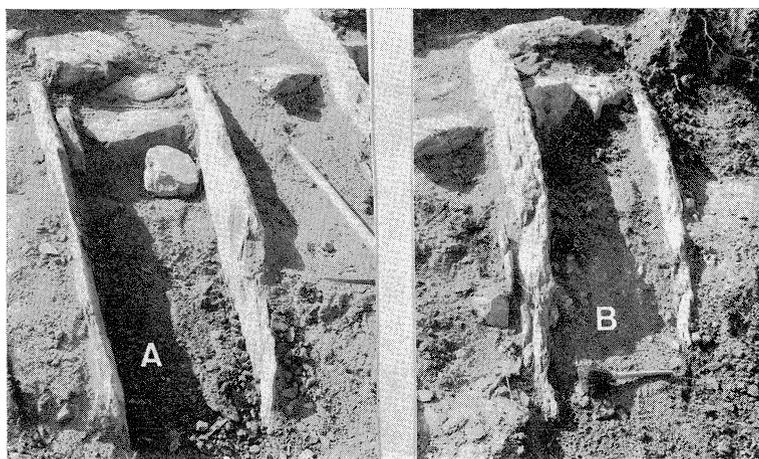


Fig. 7 — As sepulturas da fig. anterior fotografadas do lado nascente.



Fig. 8 — Esqueleto da sepultura n.º 1.

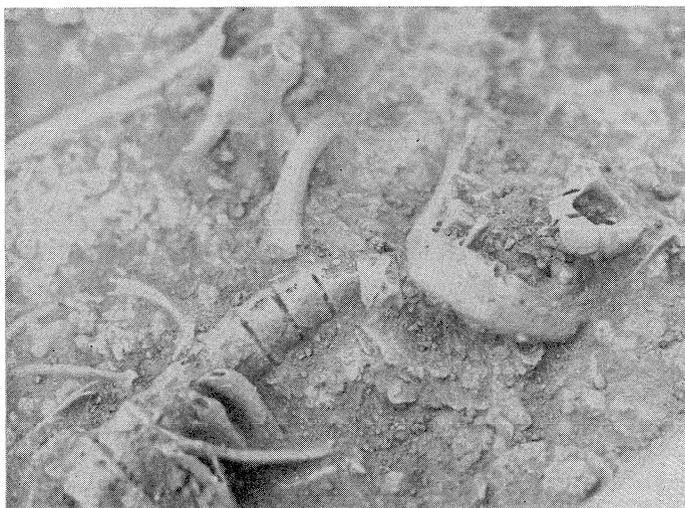


Fig. 9 — Pormenor da fig. anterior. Da cabeça apenas resta a mandíbula.

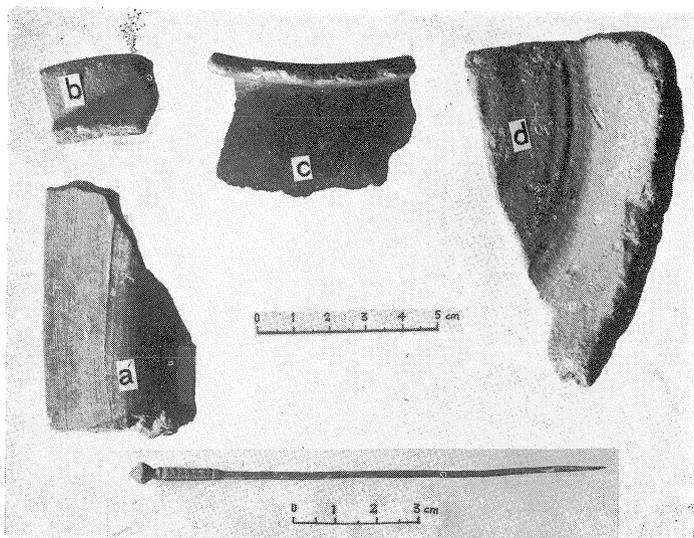


Fig. 10 — Cerâmica e alfinete de cabelo, «acus crinalia» de bronze. Achados dispersos e a várias profundidades.

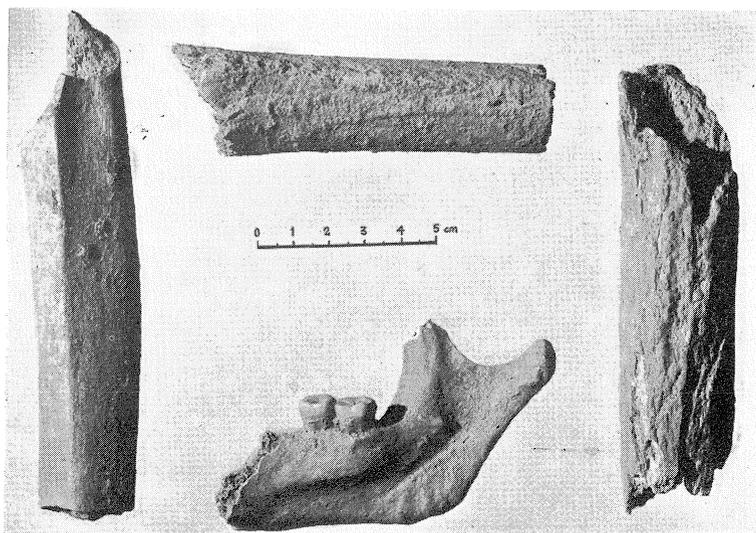


Fig. 11 — Pedacos de ossos humanos.

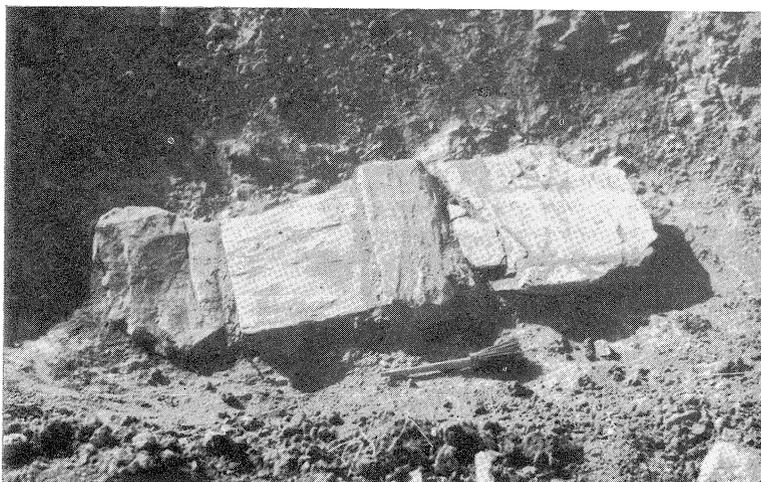


Fig. 12 — Fiada de pedras, em tampa de sepultura, com 1,30 m. As pedras assentavam na terra, ou seja sobre pequena sepultura atulhada de terra, que não houve ensejo de esvaziar e crivar. A vassourinha tem o comprimento de 32 cm.



Fig. 13 — Fiada de pedras em tampa de pequena sepultura.